

PLÍNIO, O JOVEM E QUINTILIANO: A EDUCAÇÃO RETÓRICA NAS
CARTAS

PLINY, THE YOUNGER AND QUINTILIAN: RHETORIC EDUCATION
IN *LETTERS*

PLÍNIO, EL JOVEN Y QUINTILIANO: LA EDUCACIÓN RETÓRICA EN
LAS CARTAS

Andrea Lúcia Dorini de Oliveira Carvalho Rossi

Doutora em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Membro do Núcleo de Estudos Antigos e Medievais (NEAM) da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Professora da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). E-mail: andrealdocrossi@yahoo.com.br.

Cláudia Valéria Penavel Binato

Doutora em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Professora da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). E-mail: claudiapbinato@uol.com.br.

DOI: <http://dx.doi.org/10.4025/notandum.vi54.52958>

Recebido em 03/04/2020

Aceito em 25/08/2020

Resumo

Este artigo tem como objetivo analisar algumas cartas de Plínio, o Jovem, no intuito de identificar o processo educacional e a construção de suas narrativas baseados em fundamentos retóricos. Para tal, é importante salientar que algumas concepções sobre retórica no mundo clássico serão o objeto deste texto, principalmente Cícero, Quintiliano, Suetônio e Tácito. Desta forma, pretende-se abordar algumas destas premissas teóricas e filosóficas como princípio de análise das *Cartas* do senador romano e suas narrativas que demonstram as estruturas de poder na segunda metade do I Século de nossa era.

Palavras-Chaves: Educação; Retórica; *Cartas*; Plínio, o Jovem; Quintiliano.

Abstract

This article aims to analyze some letters from Pliny the Younger, in order to identify the educational process and the construction of their narratives based on rhetorical foundations. For this, it is important to emphasize that some conceptions about rhetoric in the classical world will be the object of this text, mainly Cicero, Quintilian, Suetonius and Tacitus. In this way, we intend to approach some of these theoretical and philosophical premises as a principle of analysis of the *Letters* of the Roman Senator and his narratives that demonstrate the structures of power in the second half of the 1st Century of our era.

Keywords: Education; Rhetoric; *Letters*; Pliny, the Younger; Quintilian.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo analizar algunas cartas de Plinio el joven, para identificar el proceso educativo y la construcción de sus narrativas basadas en fundamentos retóricos. Para este fin, es importante enfatizar que algunas concepciones sobre la retórica en el mundo clásico serán el objeto de este texto, principalmente Cicerón, Quintiliano, Suetonio y Tácito. De esta manera, tenemos la intención de abordar algunas de estas premisas teóricas y filosóficas como un principio de análisis de las *Cartas* del senador romano y sus narrativas que demuestran las estructuras de poder en la segunda mitad del Siglo I de nuestra era.

Palabras clave: Educación; Retórica; *Cartas*; Plinio, el Joven; Quintiliano.

Antes de iniciarmos a abordagem propriamente dita do objeto deste artigo, é fundamental apresentar algumas questões importantes como primordiais sobre a natureza de uma documentação epistolar no mundo romano e sua sobrevivência. Sabe-se que a variedade dessa documentação é muito grande, principalmente em relação aos tipos de cartas, assim como os temas abordados por elas. Dessa forma, não há um consenso teórico para definir ou classificar esse gênero literário epistolar. Alguns teóricos apresentam algumas linhas mestras para a análise do material, dos registros linguísticos ou mesmo sobre o tamanho apropriado para a forma epistolar. No entanto, essas orientações são frequentemente quebradas por muitos dos conjuntos epistolares sobreviventes. Segundo John Henderson, as cartas são um meio para criar um “shared virtual space” (espaço virtual compartilhado) para comunicação cujo exemplo dado é o conjunto de correspondências trocadas entre Cícero e seu irmão. Estas cartas, mesmo aparentemente privadas, são identificadas por Henderson como uma “epistoliterarity spans the whole range from formal broadside through mimetic bulletin to keeping channels open” (2007, p. 37).

O conjunto das *Cartas* foi produzido a partir de um caráter pragmático e seu autor, Plínio, o Jovem, e seus correspondentes proporcionam a possibilidade de entender uma visão

de mundo de uma camada social romana construída na experiência histórica patrimonialista e clientelista do I Século E.C. A documentação é composta por 368 (trezentas e sessenta e oito) cartas, endereçadas a 101 (cento e um) destinatários. O total das *Cartas* pode ser apresentado em duas coleções: a primeira, composta de 247 (duzentas e quarenta e sete), do Livro I ao IX, contém a correspondência privada de Plínio, o Jovem; a segunda, a saber, o Livro X, composta de 121 (cento e vinte e uma), reúne a correspondência oficial entre Trajano e Plínio, o Jovem, quando este ocupava o governo da província do Ponto-Bitínia, na Ásia Menor.

Usando a definição de Henderson, é possível entender as características e a finalidade do conjunto de cartas de Plínio, o Jovem, cujo modelo foi o ciceroniano. Um dos autores que nos traz esta discussão de referência, Cícero como modelo de Plínio, o Jovem, é Andrew M. Riggsby (1995, p. 123-124). Em seus argumentos, Riggsby apresenta algumas análises das *Cartas*, dentre elas a I.20¹, que Plínio, o Jovem teria endereçado a Tácito. Ao analisar esta passagem, Ruggsby argumenta que Plínio, o Jovem usa a referência de Cícero como um modelo de orador que adota como sendo uma figura pública engajada, assim como a sua própria *aemulatio*, ou seja, o uso de escritores modelos para a composição de sua própria obra e, muitas vezes, em rivalizar e até mesmo superar estes modelos.

Na Carta I.20.6-8, Plínio, o Jovem argumenta:

Aquele homem foi tão longe ao desviar-se dessas e de muitas outras coisas que geralmente costumo dizer, para esse efeito (já que ele é escorregadio e difícil de entender em uma discussão), que afirmou que os próprios homens em cujas orações eu confiava diziam menos do que publicavam. Eu penso o contrário. Testemunhas disso são muitos discursos de muitos autores, incluindo o *Pro Murena* e o *Pro Vareno* de Cícero, nos quais uma descrição breve e simples de certos crimes é indicada apenas por rubricas (*titulis*). Destes, fica claro que ele disse muitas coisas e deixou de fora muitas outras quando os publicou. O mesmo homem diz que falou sozinho a favor de Cluentius pelo antigo costume, e implorou por C. Cornelius por quatro dias, não podemos duvidar de que disse muito mais detalhadamente por vários dias (conforme necessário), e que ele mais tarde tenha encaixado isso em um volume grande, mas unitário, após aparar e limpar.

Outro elemento a ser abordado é a característica retórica e os elementos de oratórias adotados por Plínio, o Jovem. Neste aspecto, Riggsby (1995, p. 130), em algumas outras cartas, como I.2.4, I.5.12 e IX.26.8, ressalta que Plínio, o Jovem orgulha-se de sua emulação de Cícero na oratória, tanto em termos de estilo oratório quanto de auto definição, como, antes de tudo,

¹ Será adotado o modelo de identificação das cartas conforme a edição usada neste artigo: I (livro), 20 (carta), 1 (parágrafo).

de um orador. Mas a imitação se estende além da literatura: Plínio é encorajado a seguir o modelo de Cícero ao apoiar poetas (III.15.1) e é parabenizado por segui-lo no augurado:

Meu augurado agrada-lhe mais nesta conta (como você diz), porque Cícero era augúrio. Pois você se alegra porque persigo os cargos de um homem com quem espero rivalizar em meus estudos. Como eu completei meu sacerdócio na mesma idade e o consulado em uma idade menor do que aquele, também na velhice poderei alcançar parte de seu talento! (IV.8.4-5)!

O próprio Plínio expressou que o alcance de suas cartas, em contraste com o de Cícero, era limitado pela falta de assuntos significativos: “Pois não vivo nas mesmas condições que Cícero, a cujo exemplo você me chama. Pois ele tinha tanto talento transbordante quanto uma variedade e magnitude de tópico igual a esse talento” (IX.2.2).

Finalmente, em correspondência com Tácito, Plínio responde ao *amicus* que o compara a Cícero: “Escrevi essas coisas para você, primeiro para escrever algo novo, segundo para aproveitar a oportunidade para falar da república e, na medida em que temos menos ocasião para isso do que os antigos, não devemos deixar passar nossas oportunidades” (III.20.10).

Para Cícero e Plínio, a reivindicação de um orador à fama deve ser a de uma figura pública comprometida. Os argumentos estilísticos de Tácito minimizam o tamanho da oratória de Cícero e, assim, minam sua reivindicação de um envolvimento público significativo. Plínio responde reiterando o *amplitudo* de Cícero e, assim, defendendo sua própria relevância.

Portanto, é reiterada a posição de estudiosos em comparar e buscar as relações de aproximação estilística e literária, assim como de retórica e oratória entre os dois senadores romanos.

É a partir desta premissa que será feita a abordagem principal deste artigo: o papel de Quintiliano, uma das principais formas de recepção de Cícero no processo de formação educacional de Plínio, o Jovem e a constituição de um círculo de estratégia discursiva composto por este e seus correspondentes.

Cícero, Quintiliano e a Educação Retórica de Plínio, o Jovem

Nas cartas II.14 e VI.6, Plínio, o Jovem faz referência direta ao seu preceptor Quintiliano e seus ensinamentos da arte retórica e como conquistar o seu público. Nestas cartas, é possível identificar os fundamentos sobre retórica presentes nas *Cartas* de Plínio, o Jovem quando de suas missivas encaminhadas a Tácito e outros interlocutores. Desta forma, pretende-se abordar algumas destas premissas teóricas e filosóficas como princípio de análise das *Cartas* do senador romano.

Algumas considerações sobre o estudo de retórica e oratória na educação romana serão abordadas a partir de agora, a partir das narrativas de alguns autores romanos relacionados a Plínio, o Jovem.

Suetônio, em *Sobre os Retóricos*, relata que, no ano de 92 a.E.C., os censores emitiram um edito que dizia que os jovens estavam estudando sob os ensinamentos de retóricos latinos, e desde que isso não tinha acontecido no tempo de seus ancestrais, eles desaprovavam.

Foi relatado a nós haver homens que instituíram um novo gênero de disciplina, aos quais a juventude se reuniria em uma escola: estes se autodenominaram rétores Latinos. Lá os jovens ainda rapazinhos passam dias inteiros desocupados. Os nossos antepassados instituíram o que gostariam que os seus descendentes aprendessem e a quais escolas frequentassem, estas inovações, que se fazem contra o hábito e o costume dos antepassados, nem agradam e nem parecem corretas; por isso, tanto para estes que possuem estas escolas, quanto para aqueles que se acostumaram a ir para lá, parece que o que se deve fazer é anunciar a nossa sentença: a nós não agradam. (COSTRINO, 2015, p. 265).

Suetônio relata, em sua obra sobre gramáticos e retóricos ilustres, que os estudos sobre retórica foram introduzidos junto com os estudos sobre gramática. No entanto, reforça que eram feitos com grandes dificuldades já que eram proibidos durante o último século da República, além de ressaltar sobre a importância de alguns retóricos de referência para o seu tempo.

Por volta dos anos 80 a.E.C., Cícero escreve seu primeiro tratado sobre retórica, *De Inventione*, que abordava o sistema da retórica e que, junto com a obra *Rhetorica ad Herennium*, de autor desconhecido, abordam toda a estrutura retórica. Estas obras, que estão intimamente relacionadas, mostram-nos a retórica helenística como era ensinada pelos retóricos latinos.

Alguns autores como Sêneca, Quintiliano e Tácito tratam Cícero como o consumado e inigualável escritor de sua geração, e é citado e referenciado mais do que qualquer outro. É verdade que todos estes três autores são fundamentais para entender os estudos sobre a oratória e a retórica no I Século do Principado, gênero em que Cícero é considerado a maior referência e o mestre para os romanos. No entanto, Quintiliano trata Cícero como o pináculo de toda a literatura latina, não apenas da oratória. Apesar de longa, a citação que se segue é necessária para entender a reverência dada a Cícero por Quintiliano em *Institutio Oratoria*:

Mas são nossos oradores, sobretudo, que nos permitem igualar nossa eloquência romana à da Grécia. Pois eu colocaria Cícero contra qualquer um de seus oradores sem medo de refutação. Eu sei muito bem que tempestade levantarei com essa afirmação, mais especialmente porque não proponho, no momento, compará-lo a Demóstenes; pois não haveria sentido em tal comparação, pois considero que Demóstenes deveria ser objeto de estudo

especial, e não meramente estudado, mas mesmo comprometido com a memória. Considero as excelências desses dois oradores como sendo, na maior parte, semelhantes, isto é, seu julgamento, seu dom de arranjo, seus métodos de divisão, preparação e prova, bem como tudo relacionado à invenção. Em seu estilo real, há alguma diferença. Demóstenes é mais concentrado, Cícero mais difuso; Demóstenes torna seus períodos mais curtos que Cícero, e sua arma é o florete, enquanto os períodos de Cícero são mais longos, e às vezes ele também emprega a clava: nada pode ser tirado do primeiro, nem acrescentado ao segundo; o grego revela um mais estudado, o romano uma arte mais natural. No que diz respeito ao humor e ao poder da pena excitante, os dois instrumentos mais poderosos em que os sentimentos estão envolvidos, temos a vantagem. Mais uma vez, é possível que Demóstenes tenha sido privado por costume da oportunidade de produzir discursos mais poderosos, mas contra isso pode ser definido o fato de que o caráter diferente da língua latina nos priva da realização dessas qualidades que são muito admirados pelos adeptos da escola ática. No que diz respeito às suas cartas, que em ambos os casos sobreviveram, não pode haver comparação entre os dois. Mas, por outro lado, há um ponto em que o grego tem a indiscutível superioridade: ele vem em primeiro lugar no tempo, e foi em grande parte devido a ele que Cícero foi capaz de alcançar a grandeza. Pois parece-me que Cícero, que se dedicou de coração e alma à imitação dos gregos, conseguiu reproduzir a força de Demóstenes, o fluxo copioso de Platão e o encanto de Isócrates. Mas ele fez algo mais do que reproduzir os melhores elementos em cada um desses autores por meio de estudo cuidadoso; foi para si mesmo que ele devia a maior parte, ou melhor, todas as suas excelências, que brotam da extraordinária fertilidade de seu gênio imortal. Para ele, como Píndaro diz: "recolhe a chuva do céu, mas jorra com água viva", uma vez que a Providência em seu nascimento lhe conferiu este privilégio especial, que a eloquência deve fazer julgamento de todos os seus poderes. Quem pode instruir com maior meticulosidade ou agitar mais profundamente as emoções? Quem já possuiu tal dom de charme? Ele parece obter como um benefício o que, na realidade, ele extorque pela força, e quando ele torce o juiz do caminho de seu próprio julgamento, o último parece não ser arrastado, mas meramente o segue. Além disso, existe tal peso em tudo o que ele diz que sua audiência se sente envergonhada de discordar dele, e o zelo do defensor é tão transfigurado que tem o efeito da evidência juramentada de uma testemunha, ou o veredicto de um juiz. E, ao mesmo tempo, todas essas excelências, das quais poucas poderiam ser alcançadas pelo homem comum, mesmo pelo esforço mais concentrado, fluem dele com toda aparência de espontaneidade, e seu estilo, embora nenhuma mais justa tenha caído nos ouvidos de homens, no entanto, mostra a maior felicidade e facilidade. Não foi, portanto, sem uma boa razão que seus próprios contemporâneos falaram de sua "soberania" na tribuna, e que para a posteridade o nome de Cícero passou a ser considerado não como o nome de um homem, mas como o nome de eloquência em si. Vamos, portanto, fixar nossos olhos nele, levá-lo como nosso padrão, e deixar o estudante perceber que ele fez progresso real se ele é um apaixonado admirador de Cícero. (10.1.105-12).

Poderíamos aqui avançar sobre o acaso ou sobre a intenção da sobrevivência das obras de Cícero, no entanto, pelos relatos posteriores, inclusive o de Quintiliano, fica um pouco óbvia a adoração e a necessidade dos romanos terem preservado suas obras. Os gêneros em que Cícero é referência são, também, os gêneros que poucas obras posteriores sobreviveram. Não é

possível, por exemplo, identificar um texto que represente o exercício de oratória latina como o pregado por Cícero e propagado por Quintiliano nos dois primeiros séculos do Principado a não ser o Panegírico de Trajano escrito por Plínio, o Jovem.

É possível encontrar obras sobre filosofia e teoria retórica como os já elencados anteriormente, em Sêneca, Tácito, Quintiliano e Suetônio, mas a maioria destas obras se distancia de Cícero em sua forma de abordagem e padrão único.

Antes de avançarmos na abordagem aqui proposta, é importante trazer uma diferenciação de termos Retórica e Oratória. Andrew Riggsby (2010, p. 389-390) diferencia os dois conceitos de forma contrastante. Para este autor, Oratória é a prática de se falar com público e a Retórica compreende as várias teorias claramente concebidas para dirigir, evoluir e/ou moldar a oratória. A Retórica, para estudiosos do mundo romano, demanda uma atenção por quatro razões: primeiro, porque é uma das áreas que temos mais documentação completa; segundo, os discursos públicos tinham uma importância crucial para Roma, tanto em atos públicos como no Senado; terceiro, a retórica estava presente não só na atuação dos advogados nas cortes e atuações políticas como também no estilo de vida da elite romana tradicional; e, finalmente, a retórica parece ter tido um efeito considerável sobre os mundos da oratória ou mesmo da produção verbal em geral.

As principais referências romanas para os estudos sobre Oratória e Retórica foram escritas por Cícero, como já apresentado anteriormente. Segundo Cícero, a Oratória estava dividida em três tipos: 1) Forense ou Judicial (*genus iudiciale*), gênero usado nas cortes e tribunais; 2) Deliberativa (*genus deliberativum*), usada em assembleias; e 3) Epidítica (*genus demonstrativum*), usada em outras ocasiões públicas onde a persuasão não era o objetivo mas sim o envolvimento do público. Diante destas referências, é possível identificar cinco partes retóricas: 1) a invenção (*inventio*), que se delimita à formulação de argumentos que, segundo Cícero, é onde se apresentam os detalhes; 2) a organização ou disposição (*dispositio*); 3) o estilo (*elocutio*); 4) a memória (*memoria*), pois os oradores geralmente falam sem qualquer anotações; e 5) a ação (*actio*) que inclui o uso de gestos além da entonação e pausas. Também é possível identificar nestas obras outras divisões como as partes de um discurso (abertura, declaração de fatos, divisão, prova, refutação e conclusão), as quatro questões (conjectura, definição, qualidade e objeção), os três estilos (grande, médio e simples) e assim por diante.

Os oradores romanos aprendiam estes sistemas e desenhavam estas estruturas na composição de seus discursos. Na prática, contudo, a maior influência sobre eles eram os contextos da vida cotidiana, e os discursos não eram lidos como se estivessem sob uma estrutura ou uma fórmula, com exceção dos discursos epidíticos ou laudatórios, em sua maioria. A

habilidade do orador era reconhecida por sua capacidade de selecionar esta teoria retórica e aplicá-la conforme o caso, além de quebrar as regras se fosse necessário. Para os romanos de gerações seguintes a Cícero, que tinham acesso a muito mais do que hoje está perdido, quando revisavam a literatura dos últimos anos da República, identificavam estas características da estrutura retórica.

Dentre outras passagens presentes nas *Cartas*, é possível também identificar o processo de formação educacional de Plínio, o Jovem. Na carta II.14, endereçada a N. Máximo, relata a sua experiência como pupilo de Quintiliano. Nesta missiva, o senador apresenta uma crítica ao processo de formação dos oradores contemporâneos a ele e critica a decadência na qualidade das práticas superficiais realizadas no Fórum:

Se, a qualquer momento, você estiver passando quando o tribunal estiver em atividade, e estiver interessado em saber como um orador está atuando, você não terá a oportunidade de se dar ao trabalho de se levantar na plataforma do juiz. Não há necessidade de ouvir; é bastante fácil descobrir, pois você pode ter certeza de que aquele que recebe mais aplausos merece o mínimo. Largius Licinus foi o primeiro a introduzir essa moda; mas então ele não foi mais longe do que dar a volta e solicitar uma audiência. Eu sei, eu lembro de ouvir isso do meu tutor Quintiliano. “Eu costumava ir ouvir Domitius Afer”, ele me disse, “e como, uma vez, ele agia em uma demanda diante dos centúviro, em sua costumeira maneira lenta e impressionante, ouvindo, perto dele, o mais imoderado e incomum ruído, e sendo surpreendido com isso, ele parou; o barulho cessou, e ele começou de novo; ele foi interrompido pela segunda vez, e uma terceira. Finalmente, ele perguntou quem estava falando. Ele foi informado, Licinus. Após o que, ele interrompeu o caso, exclamando: "A eloquência não existe mais!". A verdade é que só tinha começado a declinar então, quando na opinião de Afer, já não existia: enquanto que agora está quase extinto. Tenho vergonha de contar-lhe a pronúncia picante e afetada dos palestrantes e o aplauso de voz estridente com os quais suas efusões são recebidas; nada parece querer completar esse desempenho cantado, exceto palmas, ou melhor, címbalos e tamborins. Os uivos de fato (pois eu posso chamar tal aplauso, que seria indecente mesmo no teatro, por nenhum outro nome) e se apresentam em abundância. (II.14).

Ao criticar a decadência da prática da oratória e o envolvimento da audiência, Plínio, o Jovem apresenta uma mudança na formação dos advogados que atuavam em praça pública. A relação entre a valorização da formação do cidadão romano capaz de atuar nos argumentos públicos e a fragilidade das práticas aqui relatadas é clara.

Esta mesma percepção de decadência da prática da oratória e da retórica nos fins do I Século E.C. pode ser identificada em Tácito, na sua obra *Dialogus de Oratoribus* ou *Diálogo sobre a Oratória*, que a identifica, logo no início de sua obra.

Você sempre me pergunta, Justus Fabius, como é que, embora o gênio e a fama de tantos oradores ilustres tenham derramado um *lustre* no passado, nossa era é tão perdida e tão destituída da glória da eloquência que escassamente mantém o próprio nome do orador. Na verdade, esse título só se aplica aos antigos, e aos oradores inteligentes deste dia que chamamos de suplicantes, advogados, conselheiros, qualquer coisa, em vez de oradores. Para responder a essa sua pergunta, assumir o ônus de uma investigação tão séria, envolvendo, como deve, uma opinião mesquinha, seja de nossas capacidades, se não pudermos alcançar o mesmo padrão, ou de nossos gostos, se não tivermos o desejo, é uma tarefa na qual eu mal ousaria me dar minhas próprias opiniões, em vez de poder reproduzir uma conversa entre homens, para o nosso tempo, singularmente eloquente, a quem, quando jovem, ouvi discutir essa mesma questão. E, portanto, não é habilidade, é apenas memória e lembrança que eu preciso. Tenho que repetir agora, com as mesmas divisões e argumentos, seguindo de perto o curso dessa discussão, aquelas reflexões sutis que ouvi, poderosamente expressadas, de homens da mais alta eminência, cada um dos quais atribuiu uma razão diferente, mas plausível, exibindo assim as peculiaridades de seu temperamento e gênio individuais. De fato, o lado oposto não tinha um advogado que, depois de muitas críticas e ridicularizações dos velhos tempos, mantivesse a superioridade da eloquência de nossos dias aos grandes oradores do passado. (I.1).

Segundo Tracy Peck (1879, 109), ao fazer uma análise crítica e filológica da obra *Dialogos*, na juventude de Tácito haviam duas escolas antagônicas de estilo, cujos chefes eram Quintiliano e Sêneca. Segundo esta autora, Tácito teria sido educado pela escola de Quintiliano, um grande referenciador de Cícero. Segundo a autora, Tácito não era de vestir por muito tempo o traje de qualquer escola ou modelo e, desde o *Dialogus*, passando por *Agricola*, a *Germania*, as *Histórias* e os *Anais*, pode-se traçar o constante desenvolvimento desse método de expressão que finalmente coloca Tácito à parte de todos os que já escreveram. Tácito nem sempre foi o homem austero, quase sombrio, que se deduz de seus últimos escritos: pelas cartas de Plínio, ele parece ter sido um amigo muito genial e amigável.

Tácito, ainda, descreve algumas práticas educacionais para a educação retórica vivenciada por ele e seus contemporâneos em *Dialogus* que é exemplar sobre os princípios aplicados e a importância deste processo educativo para o cidadão romano.

Era habitual com nossos ancestrais, quando um rapaz estava sendo preparado para falar em público, assim que ele era totalmente treinado pela disciplina do lar, e sua mente estava armazenada na cultura, para levá-lo ao pai ou a seus parentes oradores que ocupavam o posto mais alto do estado. O menino costumava acompanhá-lo e estar presente em todos os seus discursos, tanto no tribunal quanto na assembleia, e assim ele aprendia a arte da retribuição e se acostumou ao conflito de palavras. (...) Desse modo, os jovens adquiriram da primeira grande experiência e confiança, e um estoque muito grande de discriminação, pois estudavam em plena luz do dia, no meio do conflito, onde ninguém pode dizer nada tolo ou contraditório sem seja refutado pelo juiz, ou ridicularizado pelo oponente, ou, finalmente, repudiado pelo próprio

conselho. Assim, desde o início, eles foram imbuídos de eloquência verdadeira e genuína e, embora se apegassem a um orador, ainda assim se familiarizaram com todos os advogados em vários casos perante os tribunais. Eles tinham uma experiência muito abundante da audiência popular em todas as suas maiores variedades e, com isso, podiam facilmente determinar o que era apreciado ou desaprovado em cada orador. Assim, eles não estavam querendo um professor do melhor e mais escolhido tipo, quem poderia lhes mostrar eloquência em seus verdadeiros traços, não em uma mera semelhança; nem lhes faltava oponentes e rivais, que lutavam com aço de verdade, não com uma espada de madeira, e o público também estava sempre lotado, sempre mudando, composto de críticos hostis e admiradores, para que nem o sucesso nem o fracasso pudessem ser alcançados. Você sabe, é claro, que a eloquência ganha sua fama grande e duradoura tanto nos bancos de nossos oponentes quanto nos de nossos amigos; mais ainda, sua ascensão a partir desse trimestre é mais estável e seu crescimento mais seguro. Sem dúvida, foi sob esses professores que os jovens de quem falo, o discípulo de oradores, o ouvinte no fórum, o estudante nos tribunais, foram treinados e praticados pelas experiências de outros. As leis que eles aprenderam por audiência diária; os rostos dos juízes lhe eram familiares; os modos das assembleias populares estavam continuamente diante de seus olhos; ele tinha uma experiência frequente sobre a audiência popular e, se empreendeu uma acusação ou uma defesa, foi ao mesmo tempo isolado e sozinho, igual a qualquer caso. (34).

Pela narrativa de Tácito, fica claro que o processo educacional para a oratória do cidadão romano de determinada ordem é iniciada com sua própria família, por meio dos exemplos cotidianos e o acompanhamento das práticas discursivas de pessoas relacionadas diretamente a ele. Seja por parentes que ocupavam cargos públicos ou mesmo aqueles que atuavam nas contendas cotidianas do fórum romano. Esta prática descrita por Tácito não apenas se aplicava à sua própria formação, mas a todos que fossem parte de segmentos sociais que derivassem de elites romanas ou provincianas.

Plínio, o Jovem, como *amicus* e correspondente de Tácito, demonstra em várias passagens que ambos trocavam leituras e discutiam sobre as questões educacionais e literárias. Além disso, Plínio, o Jovem compartilha da ideia, pelo menos retoricamente, de que havia uma necessidade de se refletir sobre a educação retórica e a prática oratória vivenciada. Para Plínio, o Jovem, a obra *Dialogus* é o melhor espécime existente desse renascimento literário quando foi um dos leitores críticos dos rascunhos da obra de Tácito:

Examinei sua oração e, com toda a atenção de que sou mestre, marquei as passagens em que considero aconselhável a alteração ou excisão. É meu hábito falar a verdade, e o seu ouvi-la com alegria - muito naturalmente, já que ninguém é mais paciente de censura do que aqueles que têm a melhor pretensão de aplausos.

Agora espero, em troca, suas observações sobre o meu discurso que lhe enviei. Quão agradável, quão nobre é essa troca e como estou satisfeito com o pensamento de que a posteridade, se é que se preocupa conosco, não deixará

de contar em que harmonia, que abertura, que confiança mútua vivemos juntos! Será um caso tão notável quanto incomum que duas pessoas com quase a mesma idade e posto oficial e com alguma reputação literária (pois, desde que me uno a você, sou obrigado a falar do seu mérito com reserva) fomentar assim os estudos uns dos outros. Quando eu era muito jovem, e você já estava no auge de sua glória e fama, ansiava por seguir seus passos e ser realmente e reputadamente "o próximo, mas com muitas distâncias" para si mesmo.

Naquela época, havia muitos gênios famosos em Roma; mas você de todos os outros (devido a uma semelhança em nossas disposições) me pareceu o objeto mais fácil e digno da minha imitação. Fico mais feliz ao descobrir que sempre que a oratória é o tema da conversa, sempre somos mencionados juntos e que meu nome aparece assim que alguém fala de você. Alguns preferem você a mim, enquanto outros, pelo contrário, me dão a vantagem; mas não me importo com a ordem em que somos colocados, para nos unirmos; pois, na minha opinião, quem estiver ao seu lado está diante de todo mundo. Você não pode deixar de observar que, em vontades (a menos que, no caso de uma amizade em particular com qualquer um de nós), somos nomeados lado a lado, e os legados que nos são legados têm o mesmo valor. Como, portanto, estamos intimamente ligados entre nossas atividades, maneiras, reputação e até mesmo aqueles últimos instantes de julgamento humano, tudo isso não deveria tender a inflamar-nos mutuamente com o mais ardente afeto? Adeus. (VII.20).

Além desta carta, uma outra passagem pode nos remeter a outras cartas que vão trazer informações importantes para entender o processo de formação de Plínio, o Jovem e de outros retóricos e oradores que passaram por um processo educacional e filosófico sob a influência de Quintiliano. A carta VI.6, a Fundanus, reforça a presença de Quintiliano em sua formação: “Ele era um admirador dedicado, não apenas da oratória, mas daqueles que a cultivavam; e foi quase diariamente às palestras de Quintiliano e Nicetes Sacerdos, às quais eu estava assistindo”.

Rex Winsbury comenta sobre a educação de Plínio, o Jovem e sobre o seu *cursus honorum*, especificamente ilustrados pela carta VI.6. Segundo o autor,

Apoiado por essa riqueza e essas conexões, Plínio tinha o tipo de educação que apenas homens ricos podiam pagar, mas para eles era a norma. Frequentemente rotulada como educação em oratória, era de fato uma educação abrangente em literatura grega e latina, gramática e idioma, história, boas maneiras, conduta e arte de falar em público. Foi isso que deu a um romano da classe alta seu polimento, sua autoconfiança, sua postura e sua clara superioridade (pelo menos aos seus próprios olhos) sobre a população em geral. A trajetória para o topo começou cedo. No caso de Plínio, [o Jovem], ele nos diz [6.6] que estudou em Roma com dois dos melhores professores de sua época. Um deles era Nicetes Sacerdos, um grego da cidade de Esmirna, na costa do que hoje é a Turquia, o moderno Izmir, que presumivelmente lhe ensinou tanto a língua grega quanto a literatura grega, além de retórica.

O outro não era senão Quintiliano, o eminente espanhol, autor do famoso manual de oratório e educação intitulado *Institutio Oratoria*. Nomeado pelo imperador Vespasiano como professor de oratória com um salário pago por recursos públicos e, posteriormente, nomeado pelo imperador Domiciano como tutor para seus sobrinhos-netos e presunçosos herdeiros, Quintiliano

teria ensinado Língua e Literatura Latina e os pontos mais delicados do discurso em público e da auto apresentação. Foi uma educação cara, a melhor disponível. Quintiliano também poderia ter fornecido a Plínio, o Jovem a entrada nos famílias exclusivas de Roma, incluindo a mais exclusiva de todas, a do imperador. As relações subsequentes de Plínio, o Jovem com o imperador Domiciano provariam o aspecto mais intrigante e controverso de sua carreira. (2014, p. 26).

Apesar de longa, esta citação também é importante pois traz alguns temas que serão abordados neste artigo. Além da educação de Plínio, o Jovem, um elemento fundamental que será retomado posteriormente são as relações sociais e políticas estabelecidas pelo senador romano.

Mas quais eram, especificamente, as lições de Quintiliano sobre retórica e oratória?

A principal obra que nos chegou foi *De Institutione Oratoria* ou *Sobre a Educação do Orador*. Esta é uma das obras sobre retórica e oratória que transcende a distinção entre os manuais e a meta-retórica, contendo uma extensa abordagem sobre a formação do orador. O primeiro, o décimo, o décimo primeiro e o décimo segundo livros são dedicados à formação do futuro orador antes e depois de sua formação retórica formal. No entanto, não há uma definição própria de Quintiliano sobre a retórica e a oratória. O autor promove uma revisão de questões específicas como previsão de possíveis objeções nas práticas da oratória. Se vale, para tanto, não apenas dos conhecimentos teóricos, mas, principalmente, por sua própria experiência como advogado no fórum romano.

Para Quintiliano, Cícero é a principal fonte dos ensinamentos para a evocação de estratégias retóricas pautadas nos argumentos por meio dos *exempla*. Estas estratégias estão constantemente presentes em seus ensinamentos, principalmente na evocação de autores como Homero e Virgílio. Este recurso é trazido como forma de dar sustentação pautado na autoridade discursiva cultural pré-existentes que evoca grandes nomes que permeiam o imaginário social e tradicional da formação do cidadão romano e do público em geral.

Teofrasto diz que a leitura de poetas é de grande utilidade para o orador, e foi corretamente seguido por muitos. Pois os poetas nos inspirarão no que diz respeito à questão, à sublimidade da linguagem, ao poder de excitar todo tipo de emoção e ao tratamento adequado do caráter, enquanto as mentes que se cansaram devido ao desgaste diário das cortes encontrarão refresco em um estudo tão agradável. Consequentemente, Cícero recomenda o relaxamento proporcionado pela leitura de poesia (10.1.27).

Mas a paráfrase do latim também será de grande ajuda, enquanto penso que todos concordamos que isso é especialmente valioso no que diz respeito à poesia; de fato, diz-se que a paráfrase da poesia era a única forma de exercício empregado por Sulpício. Pois a elevada inspiração do verso serve para elevar o estilo do orador e a licença ousada da linguagem poética não impede nossa

tentativa de tornar as mesmas palavras na linguagem natural para prosa. Não, podemos acrescentar o vigor da oratória aos pensamentos expressos pelo poeta, corrigir suas omissões e podar sua difusão. (10.5.4).

Outro elemento fundamental para as referências, segundo Quintiliano, é a relação entre a leitura e a escrita em seu processo de treinamento para a oratória. Ressalta que a leitura, a escrita e a fala são mutuamente dependentes ao ponto em que o fracasso em um leva ao fracasso nos outros e também estabelece que os mesmos critérios definem o sucesso em falar e escrever um discurso.

Mas essas regras de estilo, embora sejam parte do conhecimento teórico do aluno, não são em si suficientes para lhe dar poder oratório. (...) Sei que muitos levantaram a questão de saber se isso é mais bem adquirido escrevendo, lendo ou falando, e seria de fato uma questão que requer consideração séria, se pudermos nos contentar com qualquer um dos três. Mas eles estão tão intimamente e inseparavelmente conectados que, se um deles for negligenciado, desperdiçaremos o trabalho que dedicamos aos outros. A eloquência nunca alcançará seu pleno desenvolvimento ou saúde robusta, a menos que adquira força pela prática frequente por escrito, enquanto essa prática sem os modelos fornecidos pela leitura será como um navio à deriva sem rumo, sem um timoneiro. Mais uma vez, quem sabe o que deve dizer e como deve dizer, será como um avarento meditando sobre seu tesouro acumulado, a menos que tenha as armas de sua eloquência prontas para a batalha e preparadas para lidar com todas as emergências. (10.1.1-2)

Esses professores sutis (para isso eles convenceram a si mesmos e aos outros de que são) estabeleceram que o παράδειγμα [exemplo] é mais adequado para a fala real e o ἐνθύμημα [espírito] para escrever. Minha opinião é de que não há absolutamente nenhuma diferença entre escrever bem e falar bem, e que um discurso escrito é apenas um registro de um que realmente foi proferido. Consequentemente, em minha opinião, deve possuir todo tipo de mérito e observe que digo mérito, não culpa. Pois eu sei que as falhas às vezes encontram a aprovação dos não instruídos. (12.10.51).

Assim como Cícero, Quintiliano defende que o objetivo da educação retórica de jovens é torna-los homens ao retomar o conceito de Catão de que o bom cidadão é o hábil na arte da fala (*vir bonus dicendi peritus*) mas o seu ideal de orador não é aquele que usa esta habilidade para embates individuais mas sim aquele que a usa para a sua vida cívica (*vir ille vere civilis*).

Pois não admitirei que os princípios elevados de vida honrada devam, como alguns sustentaram, ser considerados como uma preocupação peculiar da filosofia. O homem que pode realmente desempenhar seu papel como cidadão e é capaz de atender às demandas dos assuntos públicos e privados, o homem que pode guiar um estado por seus conselhos, dar-lhe uma base firme por sua legislação e purgar seus vícios por suas decisões como juiz, certamente não é outro senão o orador de nossa busca. (pref. 10).

É justamente a partir destas definições sobre a educação retórica que vamos ressaltar a relação de Quintiliano com Plínio, o Jovem e Tácito. Antes de seguir para esta relação, no entanto, é necessário abordar a trajetória de Quintiliano até a escrita de sua obra *De Institutione Oratoria* ou *Sobre a Educação do Orador*.

A obra *Institutio*, como é amplamente reconhecida, é uma compilação de antigas teorias sobre a retórica e a educação. Quintiliano descreve como eram as escolas helenísticas e romanas com comentários e sugestões sobre como melhorá-las a partir de sua própria experiência. Segundo o autor, estas escolas estavam amplamente envolvidas com a retórica e mais da metade de sua obra aborda a arte da persuasão, como esta se desenvolveu a partir das contribuições dos filósofos e sofistas gregos, professores helenísticos e romanos, dentre eles o próprio Quintiliano. Em seus ensinamentos, apresenta elementos sobre a formação dos oradores, desde sua tenra idade, até o momento de seu afastamento.

Conforme apresenta Kennedy (1969, p. 15-16), de acordo com Jerônimo e o poeta Ausonio, ambos do IV Século, Quintiliano tem a sua origem na cidade de Calagurris na Hispania. Há dúvidas sobre a data de seu nascimento, mas esta seria entre 35 e 40 da Era comum. Não há informações sobre seu pai mas sabe-se, claramente, que não tinha origens aristocrata senatorial mas pode ter sua origem vinculada à classe equestre já que, de acordo com os costumes do período, os jovens da época recebiam uma educação inicial em sua própria cidade e depois seguiam para uma educação mais específica em Roma. Quintiliano teria ido para Roma, para sua educação mais específica, no período de Nero, na segunda metade da década de 50, informações retiradas de seus próprios escritos. No início da década de 60 teria voltado para a sua cidade natal e se dedicado a atividades de ensinamentos de outros jovens. Teria retornado a Roma após a morte de Galba, em 69, e aberto uma escola. Segundo Jerônimo, teria sido a primeira pessoa a abrir uma escola com financiamento de recursos do tesouro no reinado de Vespasiano. De acordo com Suetônio, este governante foi o primeiro a financiar escolas com o intuito de ensinar retórica.

Adiei deliberadamente a discussão de Sêneca em conexão com os vários departamentos da literatura, devido ao fato de que há uma impressão geral, embora falsa, de que eu o condeno e até o detesto. É verdade que tive ocasião de passar uma censura a ele quando tentava lembrar os alunos de um estilo depravado, enfraquecido por todo tipo de erro, para um padrão de gosto mais severo. Mas naquela época as obras de Sêneca estavam nas mãos de todos os jovens, e meu objetivo não era proibir completamente sua leitura, mas impedir que ele fosse preferido a autores superiores a si mesmo, mas a quem nunca se cansava de depreciar; pois, consciente do fato de que seu próprio estilo era muito diferente do deles, receava não agradar aos que os admiravam. Mas os

rapazes o amavam mais do que o imitavam, e caíam tão perante ele quanto aos antigos. (10.125-126).

Segundo o próprio Quintiliano, teria promovido os ensinamentos sobre a literatura e a tornado popular. Dividia o seu tempo entre os ensinamentos de retórica e os tribunais na corte já que era também um advogado. Nesta atuação como professor de retórica e como advogado, teria ouvido e criticado muitos dos trabalhos de seus próprios alunos.

Percebe-se, portanto, que Quintiliano foi fundamental no processo de formação de cidadãos que compunham determinados grupos sociais de ordens superiores romanas, principalmente residentes ou atuantes na cidade de Roma. Diante destes vestígios encontrados em várias obras literárias, principalmente os autores aqui abordados, é possível identificar uma vertente teórica educacional fundamentada no pragmatismo retórico e de oratória.

Diante destes elementos, partir-se-á para uma abordagem conceitual que vem sendo desenvolvida, por esta autora, para identificar entre Plínio, o Jovem e seus correspondentes a constituição de um círculo discursivo formado por alguns dos intelectuais contemporâneos a ele. Aqui, principalmente, Tácito.

O círculo de estratégia discursiva na interlocução entre Plínio, o Jovem e Tácito e a presença de Quintiliano

É possível observarmos a extrema importância para o estudo da sociedade romana do período, em sua base social, das redes clientelares e da *amiticia*. A *Amiticia* era uma prática social decorrente das relações políticas, estabelecidas no período republicano, e caracterizada como uma relação entre indivíduos de um mesmo grupo social ou de posições sociais muito semelhantes, que determinaram uma relação horizontalizada dentro das práticas sociais clientelistas; colocar, como o fizemos, tanto Plínio, o Velho, quanto Plínio, o Jovem, na condição de figuras centrais dessa sociedade permite-nos não apenas a análise das relações interpessoais das estruturas de poder horizontalizadas, mas também entender como as estruturas do Patronato vão determinar as produções intelectuais presentes no Principado Flaviano e Antonino e nelas interferir. Ao se analisar fontes como Tácito e Juvenal, *amici* de Plínio, o Jovem, Suetônio e Marcial, ambos seus clientes e de Tácito, podemos admitir sua relação com os demais membros da sociedade, especialmente a elite intelectual romana. Portanto, a concepção de interlocução presente na abordagem desse conjunto de fontes é fundamental.

A partir da identificação da forma dos textos de Plínio, o Jovem e seus correspondentes, parte-se do princípio de que produzem um *círculo de estratégia discursiva* em que múltiplas

vozes são incorporadas por meio de um simples e reflexivo discurso. As *Cartas*, como uma coleção artisticamente selecionada e arranjada, não são ingenuamente organizadas. Muito pelo contrário, são intencionais e tendenciosas por suas omissões e por suas inclusões. Desta forma, a coleção de cartas cria um discurso que imagina e incorpora cenas de debates que ligam outros escritores, os relacionando como uma literatura amplamente divulgada e conhecida da esfera política.

Sobre o conceito de círculos sociais presentes na literatura, até mesmo os antagônicos, não é uma abordagem nova e nem inovadora em sua essência. Robert Syme (1969, p. 358-359) já defendia a teoria dos círculos sociais presentes nas *Cartas*.

Dessa maneira, categorias negativas servem para testar e confirmar o caráter do círculo de Plínio. **Um círculo pressupõe muitos outros, e eles se cruzam [grifo nosso]**. Entre os patronos de Marcial e Statius (nenhum dos quais menciona o outro), a figura eminente que compartilham é Arruntius Stella, do *Patavium*. A rivalidade não é aparente apenas nos círculos literários. Era característica de oradores e juristas. Quando a força das afinidades locais ou regionais está sob avaliação, brigas ou dissidência devem ser permitidas. Aqueles dos Transpadani que afetavam a lealdade ao partido de Thrasea Paetus não se sentiam atraídos por Silius Italicus (lembraram os últimos anos neronianos), ou pelo astuto Vibius Crispus, inabalável em apoio e conforto a um governo despótico. Embora Cornelius Tacitus se beneficie de nada menos que onze epístolas, apenas dois amigos comuns emergem. Primeiro, Asinius Rufus, senador de posição pretoriana. Escrevendo para Minicius Fundanus, o autor afirma 'Cornelium Tacitum (*scis quem virum*) arta familiarize complexus est' (IV. 15. 1). Presume-se que esses *Asinii* sejam africanos, da colônia *Acholla*. (1969, p. 358-359).

Esta tese de Syme, aliada ao conceito de intelectuais que temos defendidos em outras pesquisas e publicações, entende-se este círculo formado por *amici* e personagens letrados e produtores de obras, que se perpetuaram a partir da construção de um discurso, reflete a romanidade assumida por este segmento político-social.

Rex Winsbury alerta que,

por mais informativas que sejam as cartas de Plínio, sobre como os amigos se estabelecem sobre a literatura, existem várias omissões e lacunas surpreendentes no que ele nos diz. Apesar de suas muitas referências a leituras de novas composições dadas por ele mesmo ou por um de seus amigos, ele está poupando detalhes sobre quem na verdade, presenciou as suas próprias leituras e leituras a que ele foi. Ele diz que ele é muito exigente sobre quem ele convidava para seus eventos literários. (...) Que Plínio conhecia muitas pessoas importantes e que compartilhavam interesse em literatura, boa, ruim ou indiferente, está claro o suficiente em suas cartas. Essas pessoas podem ter formado algum círculo literário ou clube do livro. Mas é difícil de acreditar que suas conversas estavam confinadas aos pontos mais delicados da

composição poética. Esses homens incluíam na verdade 'grandes bestas' da cena romana, importantes e figuras políticas [...]. (2014, p. 173).

Defende-se, aqui, a ideia de que este círculo constituído pelos correspondentes e interlocutores de Plínio, o Jovem, é identificável como um círculo de intelectuais. Não será trazida aqui uma discussão teórica sobre os conceitos de intelectuais modernos como os derivados de Antônio Gramsci, Norberto Bobbio ou Jean-François Sirinelli. Vamos assumir a posição de Jacques Le Goff (2003, pref.) e entender intelectuais como o círculo social que, a partir das práticas de produção literária derivadas de um processo educacional (institucionalizado ou não), se contrapõem àqueles que exercem atividades de natureza manual. No caso específico, esta produção literária é derivada de um processo educacional, baseado na retórica, inerente a determinadas ordens sociais que determinam os ritmos políticos vividos pelos romanos do I Século do Principado.

É a partir do conjunto das obras literárias produzidas, e que circulavam socialmente, que podem ser identificados alguns discursos inerentes ao conjunto destas obras. E aqui, assume-se o conceito de discurso de Norman Fairclough:

O discurso é aqui concebido de três modos nas práticas sociais. No primeiro, como parte da atividade social dentro de uma prática. (...) No segundo, o discurso figura nas representações. Atores sociais inscritos em qualquer prática produzem representações acerca das demais, bem como representações (“reflexivas”) da sua própria, no exercício das atividades que a constituem. (...) A representação é um processo de construção social de práticas, incluindo a autoconstrução reflexiva, modelando processos e práticas sociais. No terceiro, o discurso integra os modos de ser, a constituição das identidades. (2010, p. 226).

Estas definições nos permitem fundamentar o que é denominado, neste artigo, de **círculo de estratégia discursiva**, pois é possível identificar um círculo de intelectuais que, a partir de suas obras literárias e as interlocuções entre elas, permitem identificar um processo educacional que visa a uma reflexão sobre elementos presentes em suas práticas cotidianas de natureza política e social. A partir deste processo educacional, é possível vincular os integrantes deste grupo, ora denominados intelectuais, como um grupo que constitui, entre si, fundamentos filosóficos sobre determinados métodos e fundamentos presentes em suas obras. Esta identificação conceitual e prática são percebidas como a relação discursiva entre eles.

Com certeza, Plínio, o Jovem não foi o primeiro a ver uma possibilidade de reflexão social como uma forma de afetar a comunidade para a qual se dirigia. Cícero, inclusive, se valeu desta estratégia e suas cartas foram o modelo pliniano. Desta forma, pretende-se, neste

momento, apenas demonstrar como o modelo de educação retórica pautado nos manuais de Cícero e difundidos e ensinados por Quintiliano estão presentes em obras que, claramente, compõe um projeto de construção de um imaginário social constituído nas dinastias flaviana e antonina.

Referências

COSTRINO, A. De Rhetoribus de Suetônio. **Classica** - Revista Brasileira de Estudos Clássicos. Rio de Janeiro/RJ: Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos, 2015. v. 27. p. 257-270.

GRIFFIN, M. The Younger Pliny's Debt to Moral Philosophy. **Harvard Studies in Classical Philology**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2007. Vol. 103. pp. 451-481.

FAIRCLOUGH, N. “A dialética do Discurso”. Rio de Janeiro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. **Revista Teias**, 2010, v. 11, n. 22. p. 225-234.

HENDERSON, J. “...when who should walk in to the room but...” Epistoliterarity in Cicero *Ad Qfr. 3.1*. In: MORELLO, R.; MORRISON, A. D. **Ancient Letter: Classical and Late Antique Epistolography**. New York: Oxford University Press, 2007. p. 37-86.

KENNEDY, G. **Quintilian**. Nova Iorque: Twayne Publishers Inc., 1969.

LE GOFF, J. **Os Intelectuais na Idade Média**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

PECK, T. The Authorship of the Dialogus de Oratoribus. **Transactions of the American Philological Association** (1869-1896). Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1879. Vol. 10. pp.105-110.

PLINY THE YOUNGER. **Letters**. Edited and translated by William Melmoth and Beth Radice. Loeb Classical Library. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1958. Vols. I e II.

QUINTILIAN, **Institutio oratoria**. Ed. H. E. Butler. London: Harvard University Press, 1921. 4 v. (The Loeb Classical Library).

RIGGSBY, A. M. “Pliny on Cicero and Oratory: Self-Fashioning in the Public Eye”. **The American Journal of Philology**. Baltimore: The Johns Hopkins University Press. Vol. 116, n. 1, pp. 123-135. Spring, 1995.

SUETONIUS, C. T. **The Lives of the Caesars, II: Claudius. Nero. Galba, Otho, and Vitellius. Vespasian. Titus, Domitian. Lives of Illustrious Men: Grammarians and Rhetoricians**. Edited and translated by J. C. Rolfe. Cambridge, MA: Harvard University Press, Loeb Classical Library, 1914.

SYME, R. “Correspondents of Pliny”. **Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte**. Erfurt: Universität Erfurt, 1985. Bd. 34, H. 3, pp. 324-359. (3rd Qtr.)

Notandum, ano 23, n. 54, set./dez. 2020

CEMOrOC-Feusp / GTSEAM

TACITUS, P. C. **Agricola. Germania. Dialogue on Oratory.** Translated by M. Hutton, W. Peterson. Revised by R. M. Ogilvie, E. H. Warmington, Michael Winterbottom. Loeb Classical Library 35. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1914.